

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 12 de outubro de 2011

Texto de referência: O senso religioso (capítulo X). Brasília: Universa, 2009. “Viver sempre intensamente o real”, texto do Dia de Início de Ano 2011.

- *Le stoppie aride*
- *Il mio volto (O meu rosto)*

Glória

Carrón: “No ser tu me faças caminhar.” Peçamos que este seja o caminho deste ano.

O Dia de Início de Ano, como vimos, é uma proposta para a razão e para a liberdade de cada um de nós, para responder às urgências do viver. Mas, esta proposta só pode ser entendida na experiência, porque devemos estar firmes naquela decisiva indicação que Dom Giussani sempre nos deu: a realidade se faz transparente na experiência. Por isso, a verdade da proposta não será alcançada com pensamentos e intenções: se alcança verificando-a na experiência. Por isto, cada um é chamado, desafiado a verificar a proposta no real, na vida, de tal maneira que a verdade possa aparecer diante de nossos olhos; de outra forma, serão palavras, e pensaremos ter entendido. Mas não se entende o que é o amor lendo, antes de qualquer outra coisa, livros sobre o amor; se entende se se faz experiência! Por isto, o trabalho que fazemos aqui não pode substituir esta experiência. Encontramo-nos para nos acompanharmos na verificação de uma experiência presente, confirmada pela própria experiência. Aqui estamos juntos para testemunharmos uns aos outros o trabalho que fizemos, de tal modo que ajudemo-nos, porque o trabalho que uma pessoa faz é um bem para todos, a descoberta que uma pessoa faz é um bem para todos, a graça dada a uma pessoa é um bem para todos; e para que contemos uns para os outros

passo decisivo. Porque a consequência – como dizia quem acabou de falar – é que “eu não vivo no real”. Viver sem seguir o caminho proposto por Dom Giussani não é viver o real, porque assim nunca alcanço o real por aquilo que, de verdade, ele é. Então, agitamo-nos com tantas coisas, mas o que domina é a distração, e a coisa mais grave é que não nos damos conta disso. E pensamos sempre que haja algo de mais interessante para fazer, de mais decisivo para fazer; depois, podemos até mesmo encher a boca de “Giussani, Giussani, Giussani”, mas não seguimos Giussani nem mortos, porque neste ponto nos lixamos dele! Como um amigo me escreve: “Dou-me conta de que aquilo que você disse no Dia de Início de Ano é decisivo para a minha vida e preciso que você me corrija neste trabalho. Estar presentes ao presente, poder vibrar com tudo que sou diante das coisas presentes é o que eu mais desejo, é do que eu mais preciso, porque me dou conta de que, para mim, se torna insuportável viver com os pacientes, com a minha família, com a minha namorada, com os amigos, esperando a minha satisfação no instante seguinte ao instante do presente, ou seja, é insuportável viver como se o presente não existisse, como se aquilo que eu tenho diante dos olhos não pudesse interessar à minha vida [por isso desejamos sempre que o instante presente acabe, e que chegue logo o seguinte, e assim por diante: é insuportável!]. E me dou conta porém que o maravilhamento diante do ser e das coisas de que você fala, e para o qual você disse que devemos ser reeducados, é reduzido por mim em 99% das vezes a um maravilhamento sentimental, a uma reação que, como tal, não depende de mim e flutua segundo a minha sensibilidade e o meu estado de ânimo. Dou-me conta também que esta atenção ao ser, à realidade, não pode ser o fruto de um pensamento meu ou de uma intenção boa

preciso da Sua presença para me dar conta de que a realidade é uma presença, e isto me torna uma presença.

Carrón: Repita isto. Repita-o da forma como disse, porque é uma fórmula clara.

Colocação: *Eu preciso da presença de Cristo para me dar conta de que a realidade é uma presença, e é isto que me torna presença. Senão, a minha tarefa, por exemplo no meu trabalho, será sempre política ou ideológica. Na segunda-feira depois do Dia de Início de Ano, entrei numa sala de aula que me preocupa muito este ano, dei uma aula muito bonita e, quando saí, me perguntei: “Por que foi tão bonita assim? O que aconteceu de tão interessante?”. Aconteceu que eu não estava dominada pela minha aula, mas pelo dar-me conta daquilo que acontecia com os jovens, e por isso coloquei-me de verdade em diálogo com o outro. É quando você se dá conta do outro como presença que você se torna uma presença, do contrário, nunca o será; você pode até ser um demagogo, pode doutriná-los, mas não será uma presença assim.*

Carrón: E, naquele dia, o que foi que fez você reconhecer aqueles jovens como presença?

Colocação: *Aquilo que me havia acontecido no sábado antes.*

Carrón: Parece-me muito interessante este uso da palavra “presença” segundo as três acepções. A natureza da realidade: as coisas presentes como presença. A natureza do cristianismo: uma Presença excepcional. E a natureza da tarefa: se tornar uma presença para os

tornaram tão presentes para nós porque estavam cheias do Mistério que nos maravilhava. A realidade é interessante, a realidade nos interessou neste verão devido àquela possibilidade de reconhecer o Mistério presente naquelas coisas. E sabemos bem no que a vida se torna quando acontecem estas coisas. Por meio destas coisas somos educados a reconhecer sempre mais cada coisa presente, desde a folha até as outras coisas, porque a presença excepcional de Cristo nestes fatos, naquilo que acontece, as torna tão presentes para nós a ponto de nos fazer sair da distração na qual caímos constantemente. E essa é a modalidade com a qual o Mistério nos educa a reconhecer, então, tudo como presença, tudo como sinal. E somente quando começamos a viver o real dessa maneira é que nos tornamos uma presença. O nosso tornarmo-nos presenças não é um complemento ao nosso modo de nos relacionarmos com o real: é exatamente o modo de nos relacionarmos com o real! Nisso fazemos a verificação se nos tornamos uma presença, porque é isso o que faz a diferença; de outra forma, vivemos entediados no real como todos, sufocados como todos, e depois fazemos alguns gestos para dizer que estamos presentes (que é um modo ridículo de conceber a presença). Por isso, então, tantas vezes, mesmo o grande gesto que fazemos – e quando é preciso fazê-lo, ele é feito – não tem a autoridade necessária; porque não nos vendo presentes no real, no cotidiano, qual é o interesse que o grande gesto pode ter? A autoridade, a possibilidade de escuta do grande gesto, do gesto que propomos a todos, existe apenas se é suscitada uma curiosidade em relação a como vivemos no cotidiano, ou seja, se nos tornamos uma presença. Se não superarmos este dualismo, as três acepções de “presença” nunca coincidirão, e o cristianismo se tornará uma abstração e, então, deveremos “fazer alguma coisa” para que se torne concreto. Mas, Dom Gi

acrescentada artificialmente, mas porque solicitava, de fato, que fosse detalhada no seu particular. E então – como você dizia – se chega a um ponto no qual o medo é vencido, e então você pode dizer ao mundo, e o diz com uma consciência e uma dignidade da qual você não se dava conta. Então, reler aquela frase é uma nova conversão para mim, uma nova conversão para aquilo que está acontecendo, e tudo é novo, tudo é dado: e a primeira coisa dada a mim é o meu coração aceso outra vez por aquilo que está acontecendo. E tudo isto faz com que você seja presença.

Carrón: E para você – aqui, não podemos perder nem uma migalha –, o que permitiu que você fizesse este percurso?

Colocação: *O ter que explicar outra vez a exposição para os novos guias.*

Carrón: E?

Colocação: *E nos demos conta de que a tese de Giussani tinha um nome e um sobrenome.*

Carrón: Mas, porque você chegou até este ponto? Por causa de um jovem que lhe fez uma pergunta. Se você tivesse deixado para lá – “O que interessa desta pergunta? Eu expliquei, durante o verão inteiro, a exposição, e agora me chega esta aí com suas objeções!” –, não teria feito a experiência de que nos fala. Você se deixou provocar pelo

seguro por causa daquele vínculo da razão com a realidade até a sua origem. Começo a me maravilhar comigo mesma e a não ficar à mercê dos meus estados de ânimo, dos meus sucessos ou das minhas falhas; até mesmo começo a olhar com simpatia também para a minha tristeza, para além da circunstância favorável ou desfavorável. E isto concede razão inclusive para aquilo que aconteceu ontem na universidade, onde fizemos uma banquinha para recolher fundos para a AVSI; e foi impressionante, porque diante de todas as pessoas que eu encontrava junto com meus amigos eu estava livre até mesmo do resultado, porque eu sabia quem eu era, e olhando para eles, eu conseguia torná-los participantes da mesma preferência que me faz ser eu mesma.

Carrón: Obrigado. Este é um exemplo para a pergunta que foi feita antes: como podemos reconhecer quando o nosso uso da razão não é reduzido e quando é apenas um contragolpe sentimental? Porque vemos muito bem o que quer dizer atravessar a flutuação dos estados de ânimo para chegar àquele fundamento mais “íntimo” do que todas as flutuações. E para me dar conta de que eu sou mais do que todos os meus estados sentimentais não basta o sentimento, é preciso um uso verdadeiro da razão. É como alguém que está num lamaçal: para encontrar um fundamento seguro precisa cavar até encontrar a rocha. Ou quando alguém anda de avião e há turbulências: manter a rota é a única possibilidade para atravessar as turbulências. É impossível não viver nas turbulências, por causa de todos os estados de ânimo que, continuamente, nos assaltam, pois cada coisa nos provoca alguma turbulência. A questão é se permanecemos nas turbulências ou no lamaçal, ou se atravessamos as turbulências e o lamaçal. Este atrav

viver assim, até o ponto que poderemos testemunhar isso através do nosso rosto diferente. É isso que nos torna verdadeiramente presentes no real, com esta diversidade. Parece-me que este caminho nos convém; mas, como vemos, ele se revela apenas para quem aceita a verificação da proposta do carisma.

AVISOS

- A próxima Escola de Comunidade vai acontecer na quarta-feira, dia 26 de outubro, às 21h30. Retomaremos ainda o décimo capítulo de *O senso religioso* e o texto do Dia de Início de Ano sobre o qual começamos a trabalhar.

- Lembro que está ativo um email para o qual vocês podem enviar perguntas e breves comentários sobre a parte da Escola de Comunidade que iremos trabalhar. Recomendo que seja usado apenas e exclusivamente para a Escola de Comunidade. O endereço é: sdccarron@comunioneliberazione.org

- Visto o alcance das intervenções de Bento XVI na Alemanha, imprimimos um folheto com trechos de seus discursos, porque são o testemunho do Papa como presença. Ele nos mostra o que quer dizer ser presentes, porque uma pessoa pode chegar ao Parlamento alemão e passar sem ser visto, e uma outra pessoa pode chegar ao Parlamento alemão e maravilhar a todos. E por que ele os maravilhou, apenas porque era o Papa? Ou por aquilo que disse? Ou seja, por aquela diversidade, por aquele modo de usar a razão todo diferente, de não reduzir a realidade a positivismo, até o ponto de ver uma coisa que estava diante de todos e que não vemos, ou seja, o fenômeno da ecologia, para dizer algo sobre como tantas vezes reduzimos a realidade a algo que não é verdadeiro: o Papa tomou esta ocasião, o movimento ecológico, para dizer: vocês

- Livro do mês para outubro/novembro: ***Fim de caso*** de Graham Greene. Em *O senso religioso* (no capítulo “Educação para a liberdade”), Dom Giussani cita um episódio deste romance para nos ajudar a entender que, diante da realidade, é mais humano partir com uma hipótese positiva. Ele diz: “A coisa mais terrível é colocarmo-nos diante de uma realidade com uma hipótese, não digo negativa, mas simplesmente de dúvida: isto nos paralisa por completo” (p. 193). Mas, a hipótese positiva é uma opção, uma escolha para a qual devemos nos educar. No fim do mês estará disponível também em formato *e-book* pela Mondadori (em italiano).

Veni Sancte Spiritus